

GLOSSÁRIO DE TERMOS ECLESIÁSTICOS PRESENTES EM TESTAMENTOS COLONIAIS: UMA PRIMEIRA NOTÍCIA

Elían Conceição Luz¹
Norma Suely da Silva Pereira²

Resumo: Apresenta-se, neste trabalho, uma primeira notícia da construção de um glossário de termos eclesiásticos desenvolvido durante desdobramentos da pesquisa *Análise de textos notariais e o estudo das práticas culturais: construção de edições em ambiente digital*, a qual, numa perspectiva filológica, busca, com o uso de tecnologias computacionais, fazer circular conhecimentos produzidos a partir da leitura de documentos notariais que registram aspectos sobre a sócio história da Bahia Colonial. Dessa forma, tomando o estudo do léxico como alternativa metodológica, propõe-se a construção de um glossário de termos eclesiásticos, composto por lexias extraídas de testamentos e codicilos datados entre os séculos XVI e XVIII, que integram os *Livros do Tombo* do Mosteiro de São Bento da Bahia. Como primeiro resultado, este trabalho apresenta verbetes construídos a partir da leitura do *Testamento de Gabriel Soares de Sousa*, em uma situação discursiva bem determinada: os termos eclesiásticos na construção do *ethos* do bom cristão. Entre as contribuições, apontam-se a *linguística*, ao colaborar para o esclarecimento de lacunas no conhecimento do sistema linguístico do período; e a, *contribuição hermenêutica*, ao auxiliar na leitura do documento, esclarecendo o sentido utilizado pelo testador, além de apresentar o contexto histórico e cultural, bem como aspectos outros da realidade extralinguística do documento estudado. Desse modo, na feitura desses verbetes, evidenciou-se o compromisso da Filologia pela preservação do patrimônio cultural e da memória coletiva através do estudo dos registros escritos.

Palavras-chave: Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia. Glossário de Termos Eclesiásticos. História Cultural.

1. PALAVRAS INICIAIS

No paradigma do acesso à informação, a construção de ambientes digitais para a circulação de informações produzidas a partir do estudo de fontes primárias possibilita a produção, difusão e socialização de conhecimentos diversos. Uma vez que essas fontes registram atividades pertencentes às práticas e comportamentos pretéritos que marcaram aspectos sociais e culturais de uma sociedade, os estudos contribuem para a construção

¹Bacharel em Ciência e Tecnologia pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente, graduando em Computação na mesma instituição. E-mail. elianconceicao luz@gmail.com.

²Doutora em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente, professora adjunta no Instituto de Letras na mesma instituição. E-mail. normasuelypereira@yahoo.com.br.

de novos espaços de saber ao transmitir ao virtual traços da memória de um lugar conservados nos registros escritos.

Deste modo, a pesquisa *Análise de textos notariais e o estudo das práticas culturais: construção de edições em ambiente digital* orientada pela Profa. Dra. Norma Pereira propõe o estudo de comportamentos religiosos, principalmente aqueles relacionados os rituais da “boa morte” registrados em testamentos, codicilos e outros documentos gerados a partir de atividades de caráter notarial, que refletem o contexto eclesiástico. Assim, os estudos desenvolvidos relacionam o labor filológico, desenvolvido a partir do estudo do texto às Humanidades digitais, que, de acordo com Lucia (2012) buscam fazer uso das ditas ciências duras nas práticas humanísticas introduzindo, por exemplo, as tecnologias computacionais na circulação desses saberes.

Neste artigo, apresenta-se uma primeira notícia da construção de um glossário de termos eclesiásticos extraídos inicialmente do *Testamento de Gabriel Soares de Souza*, documento que compõe o *corpus* da pesquisa que contém esse e outros 11 documentos notariais, os quais integram a *Coleção dos Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia*, sendo a sua elaboração tradicional uma primeira etapa, necessária a construção de um glossário em ambiente digital de termos eclesiásticos.

2. FILOLOGIA, PATRIMÔNIO E MEMÓRIA: UMA PERSPECTIVA A PARTIR DO ESTUDO DO LÉXICO

A Filologia, historicamente, é a gênese de diversos ofícios que tinham em comum o trabalho a partir do texto, os quais se dispersaram em diversas áreas de saber. Ainda no Século XX, era comum denominar a todos os linguistas, etnógrafos, historiadores, folcloristas, arqueólogos e outros estudiosos como filólogos (CASTRO, 1995), visto eram assim conhecidos todos os eruditos que se dedicavam, de diferentes formas, ao estudo da língua diversas em sua forma escrita (SILVA, 2011).

[Dessa forma, eles] [...] não tinham problemas de identidade disciplinar, pois se sabiam participantes de uma vasta empresa de aquisição de conhecimentos diversificados, mas harmonizáveis em torno de um interesse comum pela palavra documental ou artística e pelo seu comportamento na história. (CASTRO, 1995, p. 512).

Contudo, essas e outras disciplinas influenciadas pelo positivismo abandonaram a perspectiva histórica e cultural, enquanto a Filologia continuou a demarcar este espaço com o qual sempre esteve comprometida (BORGES, SOUZA, 2012).

A prática filológica desenvolvida com uma tradição escrita, seja ela polítestemunhal ou monotestemunhal com o original presente ou ausente, busca estabelecer um texto ou elabora comentários sobre ele (VASCONCELLOS, 1966). Sendo, então, a construção de glossários que permitam ao leitor contemporâneo se aproximar ainda mais da realidade e do sentido do termo no contexto utilizado pelo autor - ou testador, no caso dos testamentos, uma possibilidade da prática filológica.

Sendo os textos das diversas línguas o objeto de estudo da Filologia, ela é o ponto de partida para diversas disciplinas que trabalham com os registros escritos, afinal, não é possível cumprir um objetivo sem compreender o objeto no qual ele se manifesta e se preserva (SILVA, 2012), o que evidentemente abarca as questões lexicais. Neste caso, por se tratar de documentos eclesiásticos que registram práticas culturais, há uma valiosa contribuição dos estudos filológicos aos estudos históricos.

2.1 HISTÓRIA E DOCUMENTO

A indiscutível relação entre a História, como ciência, e os fatos históricos como construções a partir dos documentos explicam a intrínseca relação entre texto e a preservação da memória cultural do homem, sendo esta "[...] um elemento essencial do que se costuma chamar *identidade*, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia". (LE GOFF, 1994, p. 476, grifo do autor). Desse modo, ressalta-se a importância da preservação de uma documentação que permita a construção da história de um povo.

Neste desafio, os estudos filológicos, ao estabelecerem com o texto uma relação crítica tanto do seu conteúdo, como de sua materialidade, relaciona-se com diversas outras ciências, tais como a Crítica Textual, ciência que busca estabelecer um texto escrito fidedigno com base na sua tradição, estudando a produção, transmissão, circulação e recepção textual; a Diplomática, ciência que estuda diplomas e documentos oficiais antigos possibilitando uma melhor compreensão do seu conteúdo e confirmando, ou não, a sua autenticidade; e por fim, a Paleografia, ciência que estuda os tipos caligráficos e características outras que envolvem a escrita e o *scriptor* permitindo a interpretação de documentos escritos em tempos pretéritos, os quais, geralmente, possuem uma caligrafia de difícil acesso para leitores não-familiarizados. Assim, a Filologia em seu compromisso com o texto oferece maior confiança ao historiador sobre as suas fontes.

Destarte, a edição fruto do labor filológico é um trabalho de erudição, no sentido estabelecido por Glénisson (1986) construído a partir de um estudo aprofundado nos documentos que são fontes do trabalho do historiador. O valor do texto estabelecido pelo método filológico se explica no próprio processo de construção da edição crítica, a qual envolve tanto a compilação e recensão, quanto a construção de emendas (notas explicativas) que permitem ampliar a compreensão do documento estudado, contribuindo, assim, para a construção do próprio fato histórico.

3. MOSTEIRO DE SÃO BENTO DA BAHIA: MONUMENTO HISTÓRICO DA CIDADE DO SALVADOR

Em 7 de outubro de 1581, reunidos em Lisboa, o Capítulo Geral da Congregação de São Bento determina que

[...] nessa cidade se fundasse um Mosteiro de Monges Bentos para que estes nesta quarta parte do Mundo se empregassem aos exercícios de virtude, e piedade, assim como estavam fazendo em toda a Europa na sucessão de tantos séculos com grande utilidade para a Igreja Catholica e adiant. o espirital das almas. (ENDRES, 1980, p. 40 *apud* SENHA, 2011).

Cumprindo a ordem, a construção do referido mosteiro iniciou-se em 1582 e sua instalação em 1584 (SENHA, 2011) trazendo ao Brasil a tradição beneditina.

Apesar de inicialmente o objetivo de São Bento ser a criação de um lugar para a buscar o Reino de Deus, a instituição religiosa assumiu caráter capital com o passar dos anos, devido tanto a sua eficiência administrativa e alto nível de cultura quanto pelo empenho ao trabalho, seja físico ou intelectual, pois, para viver para Deus e assim cumprir com todos os ritos religiosos era fundamental cuidar das necessidades do corpo, e os monges deveriam, além de manter as atividades administrativas dos mosteiros, cuidar dos seus bens temporais. (OLIVEIRA HERNÁNDEZ, 2009).

Dessa forma, o Mosteiro de São Bento da Bahia adquiriu, durante séculos, diversos bens temporais de inestimável valor histórico-cultural. As doações, bem como a documentação de registro dos bens temporais administrados pelo próprio Mosteiro de São Bento da Bahia estão hoje sob a custódia desta instituição. Segundo Alícia Lose (2011, p. 332).

A crescente participação de leigos nas atividades de pesquisa tem apresentado aos próprios monges uma nova forma de olhar para seu acervo e de compreender sua responsabilidade como administradores de um patrimônio que pertence ao Mosteiro, mas que, em certa medida, também pertence à toda sociedade.

Assim, os estudos desenvolvidos atestam a importância do Mosteiro de São Bento da Bahia e de seu acervo, o qual

[...] possui documentos de valor inestimável que contam a história da Bahia, de um período de cerca de 300 anos, relativos aos séculos XVI, XVII, XVIII. Nesse acervo encontra-se a coleção dos Livros do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia que teve o reconhecimento no Registro Nacional do Brasil do Programa Memória do Mundo da UNESCO em 17 de outubro de 2012. (SOBRAL, 2016, p. 88)

Conforme Andrade (2010), o acervo da Biblioteca do Mosteiro de São Bento da Bahia é organizado em três áreas bem definidas: *Setor de Referência*: documentos impressos do séc. XIX ao XXI; *Setor de Obras Raras*: (no Centro de Documentação e Pesquisa do Livro Raro Dr. Norberto Odebrecht), com documentos impressos do séc. XVI ao XIX; por fim, o *Arquivo do Mosteiro*: as obras mais preciosas, por sua raridade e antiguidade, os textos manuscritos e os documentos relativos à ordem monástica, assim como ao próprio Mosteiro de São Bento da Bahia.

Conforme Lose (2013), com as atuais transformações, de forma análoga ao que aconteceu com a Biblioteca em 2006 com a fundação da Faculdade São Bento, o Arquivo do Mosteiro vem sofrendo modificações progressivas, com pesquisas, principalmente, no dentro da própria Instituição, pelo Grupo de Pesquisa da Faculdade São Bento. Como um dos resultados importantes está a parceria com o Grupo de Crítica Textual da Universidade Federal da Bahia na transcrição e divulgação em meio digital, tanto da edição semidiplomática quanto fac-similar dos *Livros do Tombo* do Mosteiro, trabalho coordenado pelas Professoras. Dra. Célia Marques Telles e Dra. Alicia Lose. Entre esses documentos está o *Testamento de Gabriel Soares de Sousa*.

3.1 O TESTAMENTO DE GABRIEL SOARES DE SOUSA

A Bahia Colonial é marcada pela religiosidade, reflexo de uma administração intimamente relacionada com a organização das ordens eclesiásticas. Nesse contexto, o Mosteiro de São Bento da Bahia, ao registrar a posse dos bens temporais que eram adquiridos, acontecimentos de teor jurídico, registrava também, em seu contexto, questões sociais, culturais, geográficas, históricas e políticas desse período, conforme observa Telles (2016, p. 228):

Encerra, desse modo, conteúdos de grande relevância para a história da Cidade de Salvador como da Bahia. Arrolam escrituras, despachos, trocas, quitações, reconhecimentos, títulos de terras, petições, posses de terras, dentre outros registros que trazem aspectos passíveis de análise de várias áreas do saber. (TELLES, 2016, p. 228).

Entre estes documentos, o *Testamento de Gabriel Soares de Sousa* permite conhecer a personalidade deste ilustre fidalgo português, mais conhecido por sua outra obra: *O*

tratado descritivo do Brasil. Neste documento, onde ele declara a disposição dos seus bens após a sua morte, ele apresenta a sua religiosidade, bem como a sua preocupação com a sua situação no julgamento final que o espera.

Assim, buscou construir um “[...] *ethos* piedoso que o credencie a escapar da condenação eterna [...]” (PEREIRA, 2016, p. 10). O *ethos*, consiste de um processo interativo que busca influenciar o outro, que não pode ser compreendido fora dessa situação de comunicação (MAINGUENEAU, 2008). Neste caso, Gabriel Soares de Souza buscou construir uma imagem positiva de si (PEREIRA, 2014), apresentando-se como bom cristão e merecedor da grande misericórdia divina.

4. CONSTRUÇÃO DO GLOSSÁRIO: UMA POSSIBILIDADE DO ESTUDO DO LÉXICO

Ao estudar o texto de forma ampla - conteúdo e materialidade, os estudos filológicos possibilitam diversas abordagens, entre elas a do léxico. Nesta pesquisa, buscaram-se teorias e práticas da Lexicografia que se ocupam da compilação, classificação, análise e processamentos para elaboração de obras lexicográficas - dicionários, vocabulários e glossários (BARBOSA, 2001). Neste caso, construiu-se um glossário, pois, em consonância com o proposto por Barbosa (2001), pretendeu-se representar a situação lexical de um único texto, o *Testamento de Gabriel Soares de Sousa*, em uma situação discursiva bem determinada: os termos eclesiásticos na construção *ethos* do bom cristão. (PEREIRA, 2016).

Como afirma Ludtke (1974, p. 239, grifo do autor) “Vivemos en una sociedad historicamente consciente e historicamente informada, para la que resulta natural el hecho de *actualizar* las manifestaciones culturales de cualquier época pasada.”. De forma análoga, a construção deste glossário permitirá ao consulente das fontes primárias, seja pela leitura da edição já disponibilizada pelo Mosteiro de São Bento da Bahia, ou por outras edições, conhecer aspectos culturais da vida religiosa da Bahia Colonial, em especial aos rituais da “boa morte”. Neste âmbito, o léxico que constitui o documento é uma das possíveis perspectivas de análise, a qual pode contribuir de forma significativa para a compreensão dos aspectos socioculturais da Bahia Colonial, por meio do estudo da relação indissociável entre o léxico e a cultura.

O léxico é a parte da língua que primeiramente configura a realidade extralinguística e arquiva o saber linguístico duma[sic] comunidade. Avanços e recuos civilizacionais, descobertas e inventos, encontros entre povos e cultura, mitos e crenças, afinal quase tudo, antes de passar para a língua e

para a cultura dos povos, tem um nome e esse nome faz parte do léxico. O léxico é o repositório do saber linguístico e é ainda a janela através da qual um povo vê o mundo. Um saber partilhado que apenas existe na consciência dos falantes duma comunidade. (VILELA, 1994, p.6).

É, justamente, nessa perspectiva que parte a proposta da construção do glossário, sendo então, fundamental, além da seleção das lexias para a extração dos termos, definir as obras lexicográficas mais próximas ao período dos documentos para consultar as suas respectivas acepções.

Desse modo, duas obras foram selecionadas para o esclarecimento do léxico. A primeira foi o *Vocabulario portuguez e latino* de Raphael Bluteau, “[...] constituído de 8 volumes impressos sucessivamente em diferentes oficinas [...] [sendo] o primeiro [dicionário] a fixar um *corpus lexical* autorizado para a língua portuguesa.” (MURAKAWA, 1998, p. 56, destaque da autora), o qual se baseia em um *corpus* de aproximadamente 406 obras, de autores dos séculos XV a XV a XVII. Vale ressaltar, conforme assinala Murakaua que,

Bluteau, utilizando-se das obras de autores de sua época, dos quais alguns foram contemporâneos seus, refletiu a sociedade e o pensamento de seu tempo. Grande é o número de autores que escreveram obras de prédica, teologia ascética, meditação, cerimônias religiosas e vida de santos, evidenciando a supremacia da cultura religiosa na época. Referências constantes à Monarquia e à Igreja mostram a importância dessas categorias sociais. (MURAKAWA, 1998, p. 56).

A segunda obra consultada foi o *Diccionario da lingua portugueza* de Moraes da Silva, o qual apresenta um vocabulário autorizado de cerca de 203 autores do século XV ao século XVIII (MURAKAWA, 1998). Dessa forma, apesar destas duas obras não serem publicadas no século XVI, ao cumprirem com o compromisso de um dicionário – que é apresentar toda a língua, o que inclui os usos pretéritos –, são fonte de consulta adequada para compreender o sentido apresentado pelo termo no contexto utilizado pelo testador.

A principal diferença entre as duas obras é que o dicionário de Moraes se aproxima mais do que se compreende hoje como um dicionário de língua, enquanto o dicionário de Bluteau (1728) possui caráter enciclopédico apresentando sinônimos e outros pormenores (MURAKAWA, 1998) como pode ser evidenciado no verbete extraído do glossário apresentado.

ALMA s.f. (do latim *anima*)

Alma humana

“ALMA [...] Alma racional, Alma do homem, Alma humana.[...] he huma substancia, que cuida, & que informando hum corpo organico, constitue o homem. Mais amplamente a alma humana he huma substancia espiritual invisivel, indivisivel, incorruptivel, immortal, capaz de especies, actos, habitos, artes, seiencias, virtudes e graça, & gloria eterna. Pay da Alma he o Soberano Monarca do Universo, que pella sua infinita Omnipotencia a cria; seus irmaos sao os Anjos, Espiritos immortaes como ella; E seus parentes, por eyo da graça, & dos Sacramentos, São as almas bemaventuradas, & Santos do Empyrco”. (BLUTEAU, 1728, v. 1, p.265, grifo do autor).

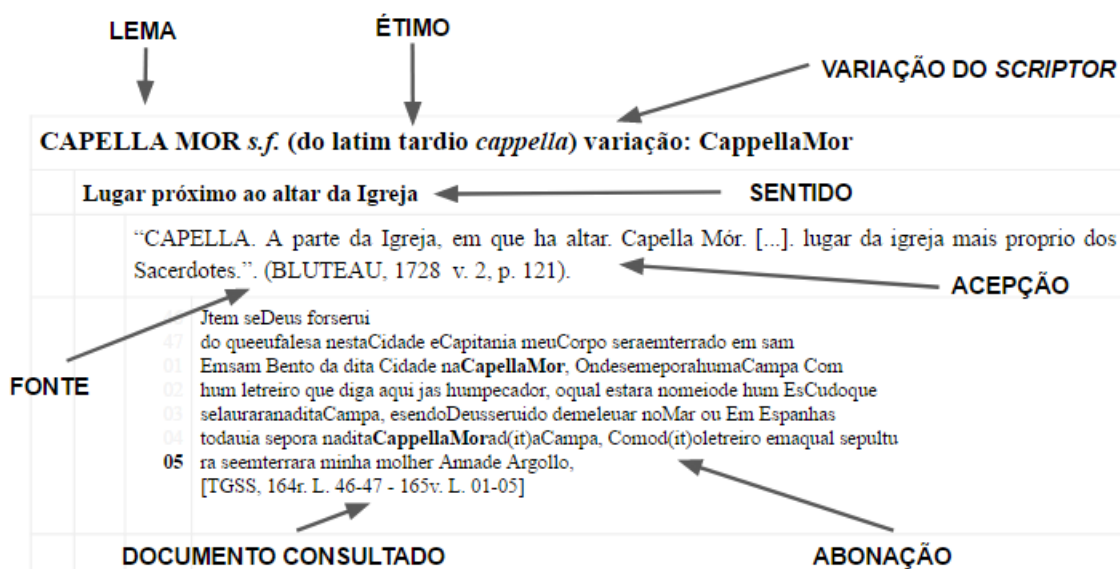
43 Jtem
44 Mando queSSedig am pella**Alma** demeuPay eMay sinCoentamisas ReZadas as
45 quaisediram ComoseaCabarem as queasima tenho deClarado
[TGSS, f. 164v. L.43-45]

Além, dessas obras foram também utilizadas como apoio outras obras lexicográficas, contudo, sem fazer referência na acepção do verbete, serviram para a estabelecer o étimo e auxiliar à consulta aos dicionários já mencionados. Entre elas: (MACHADO FILHO, 2014; FERREIRA, 1999).

4.1 O VERBETE

Primeiramente, é importante mencionar que o glossário foi organizado considerando a forma das entradas em ordem alfabética. Já em sua microestrutura segue ao que é apresentado na figura abaixo.

Figura 01: Organização da microestrutura.



Fonte: elaboração dos autores.

A primeira observação a ser realizada é sobre o lema, ou seja, a entrada, que segundo critérios atuais da lexicografia deve sempre apresentar a lexia no singular e no infinitivo no caso dos verbos. Contudo, como evidenciado por MURAKAWA (2010), em muitas situações não há incidência da lexia no singular, e no caso dos verbos, no infinitivo, outra observação a ser realizada é falta de uma ortografia balizadora no período do documento estudado, conforme discutido por Silva(2002) e Machado Filho (2012).

Dessa forma,

Na lexicografia histórica a conformação dicionarística dos lemas deve ganhar contornos, não exclusivamente pela sua "face neutra", isto é, não apenas pela forma flexionalmente vazia do lexema, como é hoje feito, mas pela variedade das formas gráficas, quer simples, quer compostas ou complexas, ainda textuais, que possam ocorrer nos *corpora*, mesmo se não lhe for atestado um correspondente morfológico canônico. (MACHADO FILHO, 2012p. 382).

Assim, pode-se observar tanto nos verbetes das lexias **culpas**, **Deus** e **deuosam** a definição da entrada levou em consideração a forma de maior frequência.

CULPAS s.f. (do latim *culpa*)

Falta voluntária

“CULPA, Falta voluntaria, & criminosa.”. (BLUTEAU, 1728, v. 2, p. 634, grifo do autor).

25 Item Outrosim tomo pormeudeuogado aosanti
26 simoPadresamFrancisco eaosenhorsamDomingos deCuias OrdenssouIrmão anui [sic]
27 tos annos aindaqueRuim poistammalostenhaseruidodoquelhepesoperdam eque
28 não Bastemminhas **Culpas** peradeixaremdesermeusadeuogados diantedeDeusaos
29 Coais peso quedellemealCamsemqueeuposaGoZar dasImdulgenCiassaCrifiCios
30 oraCons esmollas dequeGoZamosseusfrades eIrmãos asimnamorteComonauida
[TGSS, 164r. L. 25-30]

DEUOSAM s.m (do latim *devotione*)

Devoção as obrigações de um cristão

“DEVOCÃO. [...]. [...] he sujeitar-se à obediência, sacrificar-se à vontade, consagrar-se por voto; que estas são as verdadeiras obrigações da verdadeira devoção do Christão a Deos, & aos Santos da Igreja.” (BLUTEAU, 1728 v.3, p. 192).

05 [...] ponho a Esperancademinha saluaCam eno fauor eajuda dasaCratisima Virgem
07 MarianosasenhoiorasuaMay aquemafinCadamente peso que se lembredeste seu de
08 uoto ahomrra daquellesquinZeMisterios que seimserrão noseusantoRozario
dequem fui sempre deuoto ainda queonão ReZase Com aquella LimpeZa edeuosam

09 quesouoBrigado mas Comfio nasuasanta Piedadequenãoserai so parte pera dei
10 xar deser minha adeuogada pois oellasempre foiehedospecadores mas Como meeu Co
1 nheso pormajor quetodos Comtodaaeficasia lhepeso menão deZempare poissempe
1 socorreio as pResas [sic] dosque porella Chamarão;
1 [TGSS, 164r. L. 05-12]
2

DEUS *s.m* (do latim *Deos*) variação: Deos

Deus como Ente Supremo

“DEOS. He o Ente supremo, Ente por essencia, Ente, cuja essecia he ser, Ente independente, do qual todos os Entes depende, Ente que he a fonte de todos os Entes, Ente que he principio, & fim de tudo,[...].” (BLUTEAU, 1728 v.3, p.64-65)

25 Item Outrosim tomo pormeuaadeuogado aosanti
18 simoPadresamFrancisco eaosenhorsamDomingos deCuias OrdenssouJrmão anui [sic]
19 tos annos aindaqueRuim poistammalostenhaseruidodoquelhepesoperdam eque
não Bastemminhas Culpas peradeixaremdesermeusadeuogados diante de**Deus**aos
21 Coais peso quedellemealCamsemqueeuposaGoZar dasJmdulgenCiassaCrifCios
30 oraCons esmollas dequeGoZamosseusfrades eJrmaõs asimnamorteComonauida;
[TGSS, 164r. L. 25-30]

29 Saibam q(uan)tos este Instromen
30 to uirem Como noanno doNasimento de nososenhora JeZus Christo demil equinhentoseoi
31 tentaeCoatroannos aos des dias domes deAgosto daCidade dosaludador
32 estando Eu Gabrielsoares deSouza deCaminho peraEspanha sam ebemdisposto emtodo
33 omeuEntendimento e pRefeito JuiZo asimedamaneira que o**Deos** em mim pos pondoopena
34 mento em meus peCados temendo aEstreitaComtaquedellas heidedaranososenhora DeTremine
35 faZer esteTestamento emoqual deClaro minha deradeirauontadeefisque seCumpRira eguardara
36 JmteiramenteComo aBaxo eaodiantevai deClarado sem [L]hepor duvida Ouembargo algum.
[TGSS, 163v. L.29-37].

Outra observação é a respeito polissemia que uma mesma forma pode apresentar, como pode ser observado no verbete **padre**.

PADRE *s.m* (do latim *pater*)

Deus Pai

“Deos Padre. A primeyra Pessoa da Santissima Trindade. *Deus Pater*.” (BLUTEAU, 1728 v. 6, p.177, grifo do autor).

Em nomedo **Padre**doFilhoedo Espiritu Santo Amen/
[TGSS, 163v. L29]

Sacerdote

“Padres se chamão os Sacerdotes de todas as Ordens Religiosas, & Congregações Regulares. Os Padres Carmelitas, Agostinhos, &c. os Padres da Trindade, da Companhia, do Oratorio.”. (BLUTEAU, 1728 v. 6, p.177; SILVA, 1813 v. 2).

Esenaõ Ouuer.

Padres nodito Mosteiro que Bastem perasedi Zeremestas misas Juntas humil dementepeso
ao **Padre** Abbadequeordene Comos **Padres** do Collegio oudase Com que se posam
40 di Zerestas misas Comotinho de Clarado porquetinho Comfianca Namadrede Deus
queno Cabo destas misas sahira minha Alma do Prugatorio
[TGSS, 164v. L.37-41]

Fundadores da Igreja

“Os Padres da Igreja são os antigos Prelados, & Doutores della, [...] (BLUTEAU, 1728 v. 6, p.177; SILVA, 1813 v. 2)

Item tomo pormeua de uogado anoso Glorio Zo **Padres** am Bento de Cuia Ordem sou Jrmão
mas nauontadesou Frade pRofeso aquem humilmentepesomenãode Zzem
pareeme Recolhade Baxodeseu amparo poistamanhauontadetenhodeosereuireaju
25 daraugmentar sua Rellegiam [TGSS, 164r. L.22-25]

Dessa forma, com a confecção de glossários, o filólogo possui pelo menos duas contribuições importantes para os estudos históricos voltados aos registros escritos: *contribuição linguística*, ao colaborar para o esclarecimento de lacunas no conhecimento do sistema linguístico do período; e a, *contribuição hermenêutica*, ao auxiliar na leitura do documento, esclarecendo o sentido utilizado pelo testador, além de apresentar o contexto histórico e cultural, bem como aspectos outros da realidade extralinguística do documento estudado.

5. CONCLUSÃO

Ao se firmar como a ciência do texto e ao estabelecer com ele uma relação ampla, os estudos filológicos proporcionam este lugar de diálogo com diversas ciências ao estudar a língua manifestada em sua forma escrita a partir de textos em diversas línguas (SILVA, 2011). Esses registros resguardam a manifestação da cultura de um povo, principalmente, no que se refere a sua conversação de uma memória coletiva através dos séculos (CALVET, 2011) e da língua como patrimônio imaterial.

Neste artigo, foram apresentados estudos que buscam ampliar o conhecimento sobre a língua deste período, mais especificamente no que se refere ao discurso presente

em documentos que relatam a construção do *ethos* do bom cristão em sua preparação para o julgamento celestial (PEREIRA, 2016), assim como sobre as práticas culturais reveladas a partir de crenças e comportamentos religiosos e sociais observados nesses documentos, em especial os rituais de “boa morte”, registros da cidade do Salvador.

Portanto, na feitura de cada verbete, apresentou-se o compromisso da Filologia pela preservação do patrimônio cultural e da memória de uma sociedade: caracterizando sua função transversal (SPINA, 1997): o estudo das práticas culturais a partir dos textos.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Marla Oliveira. **Uma porta para o passado:** edição de documentos dos séculos XVI e XVII do livro I do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia. 342 f. Tese (Doutorado) - Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.
- BARBOSA, M. A. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (Org.). **A constituição da normalização terminológica no Brasil.** 2 ed. São Paulo: FFLCH/CITRAT, 2001. p. 23-45.
- BLUTEAU, Raphael. **Vocabulario portuguez & latino:** aulico, anatomico, architectonico ... Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712 - 1728. 8 v.
- BORGES, Rosa; SOUZA, Arisvaldo Sacramento de. Filologia e edição de texto. In: BORGES, Rosa et al. **Edição de Textos e Crítica Filológica.** Salvador: Quarteto, 2012.
- CALVET, Luis-Jean. **Tradição oral & tradição escrita.** São Paulo: Parábola editorial. 2011.
- CASTRO, Ivo. O retorno à Filologia. In: PEREIRA, Cilene da Cunha; PEREIRA, Paulo Roberto Dias (Org.). **Miscelânea de estudos linguísticos, filológicos e literários in memoriam Celso Cunha.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995. p. 511-520.
- GLÉNISSON, Jean. **Iniciação aos Estudos Históricos.** São Paulo: Bertrand Brasil-Difel, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Aurélio século XXI:** o dicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória.** 3. ed. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 1994.
- LOSE, Alícia D. Riqueza e diversidade do acervo bibliográfico e documental do Mosteiro de São Bento da Bahia: um panorama dos trabalhos do grupo de pesquisa. In: PAIXÃO, Dom Gregório (Org.). **O Mosteiro de São Bento da Bahia.** Rio de Janeiro: Versal; São Paulo: Odebrecht. 2011, p. 297-332.
- _____. O acervo bibliográfico e documental do Mosteiro de São Bento da Bahia. In: DUARTE, Zeny (Org.). **Arquivos, bibliotecas e museus:** realidades de Portugal e Brasil. Salvador, BA: EDUFBA, 2013. p. 39-55.
- LUCIA, José Manuel. **Elogio del texto digital:** claves para interpretar el nuevo paradigma. Madrid: Fórcola Ediciones, 2012.
- LÜDTKE, Helmut. **Historia del léxico románico.** Vers. esp. de Marcos Martínez

Hernández. Madrid: Gredos, 1974. p. 238 – 281.

MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes. **Pequeno vocabulário do português arcaico**. Salvador: EDUFBA; Brasília: EDUNB, 2014.

_____, Américo Venâncio Lopes. . Lexicografia histórica e questões de método. In: Tânia Lobo; Zenaide Carneiro; Juliana Soledade; Ariadne Almeida; Silvana Ribeiro. (Org.). **Rosae**: linguística histórica, história das línguas e outras histórias. Salvador: EDUFBA; FAPESB, 2012, v. 1, p. 381-389.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Organização de Sírío Possenti e Maria Cecília Pérez Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MURAKAWA, Clotilde de Almeida Azevedo. Tradição lexicográfica portuguesa: Bluteau, Morais e Vieira. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Org.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande: EDUFMS, 1998. p. 151-157.

_____. Dicionário histórico do português do Brasil: problemas e soluções. In: ISQUERDO, Aparecida Negri; BARROS, Lúcia Almeida. (Org.) **As ciências do léxico**: lexicologia, lexicografia, terminologia. 2 ed. Campo Grande: EDUFMS, 2010. p. 237-252.

OLIVEIRA HERNÁNDEZ, Maria H. **Administração dos bens temporais do Mosteiro de São Bento da Bahia**. Salvador: EDUFBA, 2009.

PEREIRA, Norma Suely da Silva. As confrarias e a construção do *ethos* de bom cristão da Bahia Colonial. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 12., 2016, Salvador. **Anais...** Salvador: Cult, 2016. Disponível em: <<http://www.cult.ufba.br/enecult/2894-2/>>.

_____, Norma Suely da S. Os rituais “da boa morte”: as práticas culturais e a construção do *ethos* em documentos coloniais trasladados no Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia. In: VII SEMINÁRIO DE ESTUDOS FILOLÓGICOS. Salvador, UNEB, 2014. No prelo.

SENHA, Francisco. Os beneditinos da Bahia. In: PAIXÃO, Dom Gregório (Org.). **O Mosteiro de São Bento da Bahia**. Rio de Janeiro: Versal; São Paulo: Odebrecht. 2011, p.102-157.

SILVA, Antonio Moraes. **Diccionario da lingua portugueza Lisboa**: Typographia Lacerdina, 1813

SILVA, José Pereira da. O método em filologia. **Revista Philologus**, v. 17, p. 91-112, 2011.

SILVA, Rosa Virgínia Mattos e. Reconfigurações socioculturais e lingüísticas no Portugal de quinhentos em comparação com o período arcaico. In: SILVA, Rosa Virgínia Mattos; MACHADO FILHO, Américo Venâncio Lopes (Org.). **O Português quinhentista**: estudos lingüísticos. Salvador:EDUFBA;Feira de Santana: UEFS, 2002. p. 27-41.

SOBRAL, Maria das Graças Telles. Traços da cidade do Salvador em manuscritos quinhentistas. **Cadernos do CNLF (CiFEFil)**, v. 5, p. 88-99, 2016.

SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica**: Crítica Textual. 2 ed. rev. atual. São Paulo: Ars Poética; EDUSP, 1977.

TELLES, Célia M. Fontes primárias para a sócio-história da Bahia: o Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia. In: ALMEIDA, Aurelina A. D. et al (Org.)

Estudos Filológicos: linguística românica e crítica textual. Salvador: EDUFBA, 2016, p. 227-240.

TESTAMENTO DE GABRIEL SOARES DE SOUSA. **Livro Velho do Tombo do Mosteiro de São Bento da Bahia.** Salvador, Mosteiro de São Bento, 10 de agosto de 1584: f. 163v – 166r.

VASCONCELLOS, José Leite de. **Lições de filologia portuguesa.** 3. ed. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1966.

VILELA, Mário. **Estudos de lexicologia do português.** Coimbra. Almedina, 1994.